



A NARRATIVA NA OBRA DE GONÇALO M. TAVARES

BETINA GOULART LINDEMANN¹; ALESSANDRA ZANIOL²; MARIANA MÜLLER DE ÁVILA²; ALFEU SPAREMBERGER³

¹Universidade Federal de Pelotas – betinalindemann@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – alessandra.zaniol@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – marianaavilaa@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – alfeu.sparemberger@terra.com.br

1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho, pretende-se fazer uma análise do romance *Animalescos* (2016), de Gonçalo M. Tavares, que é um dos autores mais bem reconhecidos da literatura portuguesa contemporânea. Será analisada a narrativa da obra levando em consideração a presença de um narrador esquizofrênico.

O objetivo da pesquisa é apresentar a construção da narrativa em paralelo com a interpretação feita sobre o narrador e a fragmentação do texto e o que isso representa na obra de Gonçalo M. Tavares. Segundo RICOEUR (2012), a despeito da heterogeneidade aparente das obras que são ordinariamente tratadas sob o título amplo de “narrativa”, é sempre possível discernir a identidade do *ato de narrar*.

2. METODOLOGIA

A partir de outras pesquisas e estudos feitos sobre narrativa é que se pretende estabelecer uma relação entre a narratividade presente na obra e o narrador. As concepções de narrativa partirão dos estudos de Paul Ricoeur, em *Entre tempo e narrativa: concordância/discordância*. Do estudo de Pedro Beja Aguiar, *Metamorfoses do presente. A ficção brasileira contemporânea em perspectiva comparada com a ficção portuguesa*. O estudo aproveita ainda de reflexões sobre a narratividade da obra *Animalescos*. Finalmente, sobre o narrador, aproveitamos as considerações presentes no artigo *Esquizofrenia, os limites de um conceito*, de Marta D’Agord.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa possibilitou a interpretação feita sobre o narrador da obra como um sujeito esquizofrênico e que, como tal, apresenta uma narrativa que condiz com o seu distúrbio psicológico. Conforme o artigo *Esquizofrenia, os limites de um conceito*, de Marta D’Agord (2005), “Bleuler define a esquizofrenia como um grupo de psicoses cujo curso pode ser crônico ou intermitente, podendo deter-se ou retroceder em qualquer etapa, mas que não permite uma completa *restitutio ad integrum*. A doença se caracteriza por um tipo específico de alteração do pensamento, dos sentimentos e da relação com o mundo exterior”. Somando a relação do narrador consigo e com o mundo exterior junto a forma com que a narrativa da obra é construída pode-se reforçar tal interpretação.

Já nas primeiras construções do textos há uma irregularidade quanto a escrita e a narrativa. O livro é composto por trinta e nove capítulos e a forma com



que são nomeados é singular, varia de um título curto como “cristo, uma casa” até um mais extenso como “avestruz, o pai, a mãe, os três meninos, Hospício dos animais, o maluco, cabeça contra o solo, toupeira, cangurus, malucos, olhos virados para trás, mesmo os anões”, mas sempre formados por palavras soltas. Dentro desses capítulos também a construção foge do clássico, poucos são os capítulos que contém letra maiúscula no início e ponto final, assim como parágrafos.

O narrador da obra emprega uma forma de escrita que narra experiências e sensações do ser humano, mas sem apresentá-las de forma óbvia, como nas passagens:

“um homem na rua a andar sem calças, tenta morder o próprio nariz, engole a palavra que acabou de dizer, depois vomita-a e aí não se percebe o que diz, engole de novo o ar para poder falar” (TAVARES, 2016, p. 11).

“estou no meio da minha cabeça e mesmo assim começo a gritar, mesmo no centro e estás perdido, fui atirado da janela e dentro da cabeça nem tudo é claro” (TAVARES, 2016, p. 12).

Nestas passagens, mesmo com ideias postas como em fragmentos, é possível estabelecer um contexto. Segundo RICOEUR (2012), uma história (...) deve ser mais que uma enumeração de eventos em ordem sucessiva, ela deve aferir um todo inteligível dos incidentes, de tal sorte que seja sempre possível perguntar qual é o “tema” ou o “sujeito da história. De fato, a concordância segue o destino da ordem “paradigmática das estruturas da intriga”. O modelo de anti-romance, ou mesmo de anti-narrativa, engendrado pela obra de Gonçalo Tavares acentua a paradoxal história da discordância. “A favor das frustrações engendradas por seu desprezo irônico a todo paradigma, e graças ao prazer mais ou menos perverso que o leitor sente ao ser excitado e frustrado, essas obras modernas satisfazem ao mesmo tempo à tradição que elas levam ao limite e às experiências desordenadas que finalmente elas imitam a força de não imitar os paradigmas herdados” (RICOEUR, 2012, p. 5). O fragmento seria, portanto, a herança de um paradigma circulante, enfim, de uma tradição consolidada. É desse modo que Ricoeur conclui o pensamento sobre o anti-romance: “Esse último caso, exatamente oposto ao triunfo da ordem no modelo apocalíptico, mostra, a sua maneira, que a noção formal de ordem narrativa é suscetível de variações infinitas, e inclui a recusa irônica de todo paradigma recebido” (RICOEUR, 2012, p. 5).

Mas cabe considerar ainda que o fragmento, além de uma suposta ou possível autonomia, pode ser incluindo no campo do não narrado ou então de história em potencial. O leitor, então, ou o intérprete pode re-narrar o conjunto de histórias ou fragmentos apresentados. Além do mais, os fragmentos podem conter um “pano de fundo” que torna possível o narrar. Deste modo, a história estaria sempre em continuidade e o artifício criado pelo escritor desapareceria. “Entretanto,” afirma Ricoeur, “ a prioridade dada à história ainda não narrada pode servir de instância crítica contra toda ênfase no caráter artificial da arte de narrar” (RICOEUR, 2012, p. 6). Mas tal tese tem sustentação se toda análise da narração continuar a “interpretar uma pela outra a forma inerente da experiência temporal e a estrutura narrativa”, revelando uma tautologia vigente. Para tanto, a experiência do tempo, para o leitor de **Animalescos**, deve compor os termos da tautologia, sem que os fragmentos constituam uma constante apresentação do presente ou então um presente sempre e continuamente “presentificado”. Isto é



possível se, no romance de Gonçalo Tavares, estiver ausente o “pano de fundo”, ou então o potencial de re-narração. Pode compor este pano de fundo o modo esquizofrênico de narrar mas não menos o de uma sociedade esquizofrênica e hedonista, de falência do humano. Mas cada fragmento pode também significar, posto que não aciona qualquer continuidade, qualquer re-narração, o fim em si mesmo, significando uma experiência temporal que não encontra um “fim”, a não ser a repetição – presentificada - “do mesmo”.

Gonçalo M. Tavares já apresentou o horror, a violência, a loucura e a degradação do humano em outras obras já publicadas, como *Jerusalém*, e agora, em **Animalescos**, apresenta o caos do humano representado pelo narrador através do emaranhado de tempo/eventos e da fragmentação da narrativa.

4. CONCLUSÕES

Frente aos estudos considerados para essa pesquisa em conjunto com a leitura da obra de Gonçalo M. Tavares pode-se perceber que a voz do narrador é marcada pela patologia que possui, de acordo com AGUIAR (2016): “No romance **Animalescos**, Gonçalo M. Tavares apresenta ao leitor uma crítica a racionalização da experiência no tempo presente a partir de pequenas ficções fragmentadas, desconexas, em que as ações mesclam-se de forma indefinida e, ao longo dos capítulos, se multiplicam.”

Talvez o foco de **Animalescos** não esteja simplesmente na fragmentação da narrativa, mas em mostrar através dela que “os tempos estão baralhados” (TAVARES, 2016, p. 12) e representar a experiência do homem com o seu redor e/ou consigo.



5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

TAVARES, Gonçalo M. **Animalescos**. Porto Alegre: Dublinense, 2016.

RICOEUR, Paul. Entre tempo e narrativa: concordância e discordância. **Kriterion: Revista de Filosofia**, Belo Horizonte, v.53, n.125, p. 1-6, 2012.

Aguiar, P. B. **Metamorfoses do presente. A ficção brasileira contemporânea em perspectiva comparada com a ficção portuguesa**. Disponível em: http://www.abralic.org.br/anais/arquivos/2016_1491413951.pdf Acessado em: 05 de outubro de 2017.

D'AGORD, M. **Esquizofrenia, os limites de um conceito**. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/psicopatologia/esquiz1.pdf> Acessado em: 05 de outubro de 2017.